

Jazz

15 Novembro '09

Hank Jones Trio

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Piano Hank Jones
Contrabaixo George Mraz
Bateria Willie Jones III

Dom 15 de Novembro
Grande Auditório · 21h30 · Duração aprox. 1h15 · M12

A admirável figura de estilo de Hank Jones

Gostaria de ser lembrado como alguém que desenvolveu um estilo. Isto é das tais questões que só o tempo pode decidir.
Hank Jones

Antecipando-me através de um *fait divers* aos momentos certamente únicos que dentro de momentos todos vamos viver, apetece-me começar por sugerir uma espécie de jogo ao leitor-espectador. E que é este: se, de entre a sua roda de amigos, perguntar àqueles que considera porventura mais “por dentro” do jazz, da sua história e dos seus criadores, quem na sua opinião entende dever escolher como dos maiores músicos neste domínio musical, que tipo de instrumentista acha que de imediato surgiria à mente do perguntado?

Um pianista? Tenho as minhas dúvidas! Eu, por exemplo, não tendo à mão neste momento em que escrevo nenhum amigo com quem jogar este jogo, responderia de imediato a mim próprio (como de facto mentalmente estou a responder, ao colocar-me esta questão) pela seguinte ordem de preferências: primeiro, um saxofonista (tenor); depois certamente um saxofonista (alto), depois talvez um trompetista... E, para já, ficar-me-ia por aqui, só então fazendo um esforço para considerar, afinal, inteiramente justo ter-me lembrado, por exemplo, de um clarinetista... Mas o facto é que não me ocorreu um pianista ou um trombonista ou um contrabaixista e muito menos um baterista...

[Esquisito, a propósito, não me ter lembrado de Thelonius Monk!]

Julgo que esta opção quase repentina e “natural” a favor de um instrumentista de *sopro*, tem desde logo muito que ver com a própria iconografia do jazz. Já alguém se lembraria de rabiscar a figura de um pianista ou a representação de um teclado para ilustrar, por exemplo, o cartaz de um qualquer festival de jazz? Creio que uma das raras excepções que agora me ocorrem é o histórico emblema do Hot Clube de Portugal em que uma mão negra é surpreendida a tocar as teclas brancas e pretas de um piano!

Depois, acho que não são de excluir, como factor de desfoque, os nossos hábitos auditivos, aqueles discos aos quais a mão se lança em direcção à estante quase sem pensar, para já não falar ainda nessa espécie de *time line* em forma de relâmpago que, quando nos questionamos sobre estas matérias, ilumina a nossa (curta) memória da própria história. Não é verdade que, ao consultarmos qualquer cronologia mais ou menos sucinta dos percursos do jazz, desde os seus primórdios até ao presente, os músicos que ciclicamente nos mostram a marcar com a sua personalidade e influência certos períodos dessa história são precisamente representantes daquela categoria de instrumentos que há pouco me surgiram como lampejo imediato?

Sendo este equilíbrio evidentemente distorcido, ele é além do mais bastante injusto, pois se há músicos que em momentos muito concretos se evidenciaram entre os demais como criadores decisivos na evolução do próprio jazz - ou como suporte e apoio musical indispensável à maior relevância de que acabaram por usufruir os que se dispunham

à frente do palco, mais junto à ribalta – eles foram, precisamente, pequenos/médios/grandes pianistas, cuja simples enunciação nos faz anuir: “pois claro!”

Gente como James P. Johnson, Jelly Roll Morton, Earl Hines, Fats Waller, Art Tatum, Teddy Wilson, Mary Lou Williams, Bud Powell, John Lewis, Errol Garner, Herbie Nichols, Lennie Tristano, Ahmad Jamal, Tommy Flanagan, Oscar Peterson, Horace Silver, Bobby Timmons, Cecil Taylor, Andrew Hill, Bill Evans, McCoy Tyner, Paul Bley, Herbie Hancock, Chick Corea, Keith Jarrett, Jason Moran...

E, já agora, Hank Jones! Hoje com 91 anos de idade, o mais velho dos três irmãos Jones (Hank, Thad e Elvin) é, sem dúvida, uma das últimas lendas vivas do piano-jazz moderno, igualmente fundamental como improvisador solitário absoluto (qualidade em que nos deixou obras imperecíveis) mas também e sobretudo como líder e solista no âmbito da mais clássica formação de todo o jazz – o trio de piano-contrabaixo-bateria –, como membro de inesquecíveis duos de piano ou como emérito acompanhador de cantoras.

Se olharmos para a vastidão da sua obra discográfica (em nome pessoal ou iluminando e enriquecendo formações de terceiros), na qual surgem participações em mais de 980 títulos, e se pensarmos na inigualável diversidade dos músicos com os quais tocou ao longo de uma carreira tão brilhante e recheada, tem de se considerar redutor e intelectualmente limitado situar Hank Jones no campo do jazz *mainstream*, como se pode ler em tantos dicionários ou enciclopédias.

Pelo contrário, mais adequado será considerar a sua obra pianística como

das raras verdadeiramente intemporais, porque fruto da acumulação de incontáveis, enriquecedoras e multifacetadas experiências colectivas e descobertas pessoais que tornam o Mestre, não um mero intérprete ou instrumentista (por mais transcendente que seja!) mas um Músico completo, senhor de uma capacidade harmónica fora de série, de uma mobilidade melódica a um tempo articulada com a maior das delicadezas ou o mais insuspeitado vigor, dominando a estrutura formal dos grandes clássicos como ninguém e induzindo-lhes o dom pessoal da eloquência, própria dos grandes criadores.

Uma *intemporalidade* e uma *cultura* acumuladas que lhe permitem a conjugação de um fraseado *bop* na mão direita com um acompanhamento *stride* na mão esquerda. E que tornam possível, na inconfundível abordagem do teclado, a invulgar conjugação da elegância com a eterna jovialidade da aventura, o prazer da descoberta, a sofisticação da postura, a deliciosa cumplicidade e abertura para com os seus pares.

Aguardar pela entrada em palco de Hank Jones é, digo-vos eu, sentir o mesmo tipo de arrepio de quando se aguardava, noutros contextos musicais, alguém da estatura de um Gould, de um Richter, de um Moore. Alguém que se recebe com uma longa *standing ovation* mas a quem parece razoável não exigir consecutivos *encores*...

Manuel Jorge Veloso
blog *O Sítio do Jazz*

Hank Jones

piano

Escutar Hank Jones é compreender porque é que ele é uma das raras pessoas que o National Endowment of Arts distinguiu com o título de “Jazz Master”. Durante mais de 70 anos como pianista e compositor, o seu estilo encarnou a essência do jazz *mainstream* e é um dos pianistas da história do jazz mais solicitados e que mais discos gravaram.

O mais velho sobrevivente de uma prolífica família de músicos de jazz, que incluía os seus irmãos já falecidos Elvin Jones, baterista, e Thad Jones, trompetista e compositor (eram 7 irmãos, a mãe cantava, duas das irmãs mais velhas estudaram piano), Hank prosseguiu o legado familiar gravando e tocando em concertos e festivais por todo o mundo. É um dos poucos sobreviventes da célebre fotografia “A Great Day in Harlem”. Tirada em 1958 pelo fotógrafo Art Kane numa rua de Harlem, Nova Iorque, a 57 músicos de jazz, negros e brancos, nela se podem ver, por exemplo, Count Basie, Art Blakey, Dizzy Gillespie, Coleman Hawkins, Jo Jones, Gene Krupa, Charles Mingus, Thelonious Monk, Gerry Mulligan, Sonny Rollins – ainda vivo e em actividade, como se sabe – Mary Lou Williams, Lester Young. Participou em outros eventos históricos, como acompanhar Marilyn Monroe quando ela cantou *Happy Birthday Mr. President* ao Presidente John F. Kennedy.

Durante a sua vida Hank tem sido reconhecido por muitas organizações e instituições pelas contribuições que deu ao jazz. Além do já referido título de Jazz Master conferido pelo NEA, o

Congresso atribuiu-lhe um Achievement Award, a ASCAP (American Society of Composers, Authors and Publishers) designou-o “Living Legend Jazz Hall of Fame”, foi cinco vezes nomeado para os prémios Grammy, foi distinguido por The International Jazz Hall of Fame em 1997. E a lista poderia prolongar-se. No corrente ano, os críticos reunidos pela revista *Down Beat* elegeram-no, por larga maioria, para o Hall of Fame que desde 1952 é atribuído aos maiores do jazz e do blues. A revista francesa *Jazzman* fez capa com Jones no número de Julho / Agosto passados (já a *Down Beat* o tinha feito em Junho de 2005). A Universidade de Hartford concedeu-lhe o grau de Doutor em Abril deste ano.

Hank Jones nasceu em 31 de Julho de 1918 em Vicksburg, Mississippi e cresceu em Pontiac, Michigan. Apesar do seu pai, diácono Baptista, achar que tocar jazz, naquele tempo, era “pecado”, Hank – que estudou piano muito pequeno e foi influenciado por Earl Hines, Fats Waller, Teddy Wilson e Art Tatum –, com 13 anos, já fazia parte de bandas locais em Michigan, Ohio e Buffalo. Em 1943 mudou-se para Nova Iorque. Foi aí que abraçou o estilo bebop chegando a gravar com Charlie Parker. O seu primeiro trabalho nessa cidade foi com os Hot Lips Page, no Onyx Club, na Rua 52, onde, em 1945, se juntou à big band de Billy Eckstine. No ano seguinte iniciou uma colaboração com a banda de Coleman Hawkins e de 1947 a 1951 fez digressões com a célebre orquestra Jazz at the Philharmonic acompanhando Ella Fitzgerald. De 1948 a 1953 continuou sendo o pianista de Ella. Em 1952 tocou com Artie Shaw, depois com Johnny Hodges e a seguir com Tyree

Glenn. Em 1956 integrou a orquestra de Benny Goodman e em 1959 foi contratado pelos estúdios CBS como pianista residente, cargo que ocupou 17 anos seguidos.

Durante a sua carreira Hank tocou e gravou com virtualmente todos os grandes nomes da história do jazz. Participou em mais de 980 álbuns e CD’s, quer como *sideman*, quer como líder, ou a solo, e em incontáveis concertos. Mais recentemente esteve envolvido em gravações e concertos com músicos contemporâneos, como Joe Lovano, Jimmy Cobb, Christian McBride, ou com as cantoras Roberta Gambarini e Diana Krall que acompanhou e com quem gravou.

Quando reflecte sobre o seu passado Hank lamenta não ter gravado mais com os seus irmãos Thad e Elvis. Ainda assim, conseguiu registar *The Great Trio Collaboration* (hoje reeditado na 441 Records), um ano antes de Elvin falecer.

Apesar de ter considerado retirar-se, aos 91 anos Hank Jones continua em grande actividade, dando concertos por todo o mundo, gravando discos, dirigindo *master classes* em Universidades como Harvard ou a de Nova Iorque. O mundo reconhece-o um dos últimos sobreviventes dos grandes artistas que construíram o jazz.

Baseado na biografia do site oficial www.officialhankjones.com, com acrescentos retirados de diversas fontes encontradas na internet. A informação sobre Hank Jones é, de resto, abundantíssima.

George Mraz

contrabaixo

Mraz nasceu em 1944 na República Checa. Estudou violino, piano e saxofone-alto na escola secundária. No Conservatório de Praga, onde se licenciou, estudou contrabaixo. Enquanto estudante universitário tocou com os grupos de jazz de topo então existentes em Praga. Acabados os estudos, mudou-se para Munique e tocou em clubes e concertos na Alemanha e na Europa Central com, entre outros, Benny Bailey, Carmel Jones, Leo Wright, Mal Waldron, Hampton Hawes, Jan Hammer.

Recebeu uma bolsa para estudar na famosa Berklee School of Music, em Boston, EUA, quando os tanques soviéticos entraram em Praga, pondo fim ao que se chamou a “Primavera de Praga”. Em 1968 foi para Boston. Em Berklee tocou com Lennie Tristano e participou em *workshops* com Clark Terry, Herbie Hancock, Joe Williams e Carmen McRae.

No Inverno de 1969 foi convidado por Dizzy Gillespie para se juntar à sua banda, em Nova Iorque. Depois de algumas semanas com Dizzy, foi para a estrada com Oscar Peterson durante cerca de dois anos. A seguir, e durante seis anos, trabalhou na orquestra de Thad Jones e Mel Lewis. No final da década de 1970 trabalhou com Stan Getz, o New York Jazz Quartet, Bill Evans, John Abercrombie e, por mais de dez anos, com Tommy Flanagan.

Deixou Flanagan e passou a tocar com Joe Henderson, Hank Jones, Gram Slam (Jim Hall, Joe Lovano, Lewis Nash), DIM (Direction in Music, com Herbie Hancock, Michael Brecker, Roy

Hargrove), McCoy Tyner, Joe Lovano e o quarteto de Hank Jones. Formou o seu próprio quarteto, enquanto líder, com Richie Beirach no piano, Billy Hart na bateria e Rich Perry no sax tenor.

Gravou com Oscar Peterson, Tommy Flanagan, Hank Jones, Charles Mingus, a orquestra de Thad Jones e Mel Lewis, o NYJQ, Lionel Hampton, Woody Herman, Toshiko Akioishi, Kenny Drew, Barry Harris, Tete Montoliu, Larry Wills, Richie Beirach, McCoy Tyner, Adam Makowic, Stan Getz, Art Pepper, Phil Woods, Archie Shepp, Dave Leibman, Joe Lovano, Jim Hall, John Abercrombie, Dizzy Gillespie, Chet Baker, Bob Brookmeyer, Carmen McRae, Hellen Merrill, Elvin Jones e muitos outros (note-se que trabalhou com os três irmãos Jones, Hank, Elvin e Thad).

Como líder gravou cinco álbuns, o primeiro para a ALFA Records e os seguintes para a Milestone Records. O CD mais recente, *Moravian Gems*, de 2007, é um disco de jazz fusão, cujos temas têm origem em canções do folclore da Morávia. As composições e arranjos são do pianista Emil Viklick. Os outros parceiros neste projecto são o baterista Laco Tropp e a espantosa cantora Iva Bittová. Os planos para o futuro próximo incluem um duo com Bittová interpretando alguns dos temas do *Moravian Gems* e novas canções.

Abreviado de www.georgemraz.com

Willie Jones III

bateria

Nasceu em Los Angeles, Califórnia, em 1968. Os seus primeiros contactos com a música recebeu-os através do seu pai, Willie Jones II, um notável pianista de jazz que orientou e inspirou o seu dotado filho. Jones III estudou aplicadamente com notáveis bateristas e professores de música e ainda adolescente já tocava com músicos de nomeada. Completou a sua formação académica, graças a uma bolsa, no Califórnia Institute of Arts onde estudou sob a tutela do lendário Albert "Tootie" Heath.

Em 1992 foi semi-finalista no Concurso de bateria de Jazz Thelonius Monk. Antes disso fundou a banda Black Note. Influenciado pelo movimento bop da Costa Oeste, o *hard-swing* dos Black Note valeu-lhes o primeiro lugar no prestigiado John Coltrane Young Artist Competition em 1991. A mestria de Jones como músico e produtor revela-se em todos os quatro registos dos Black Note: *43rd & Degnan* e *L.A. Underground* (World Stage Records), *Jungle Music* (Columbia) e *Nothin' But the Swing* (Impulse!). Em 1994, a banda fez digressões pela Europa e nos EUA.

Nos finais de 1994, quando atingiu um mais elevado nível de destreza na bateria, teve o privilégio de tocar como *side-man* do grande vibrafonista Milt Jackson. Entre 1995 e 1998, foi membro da banda de Arturo Sandoval e participou no álbum *Hot House* (N2K) que recebeu um Grammy. Com Horace Silver gravou *Jazz Has a Sense of Humor* (Impulse!).

Entre 1998 e 2005, Jones fez parte do quinteto de Roy Hargrove e participou

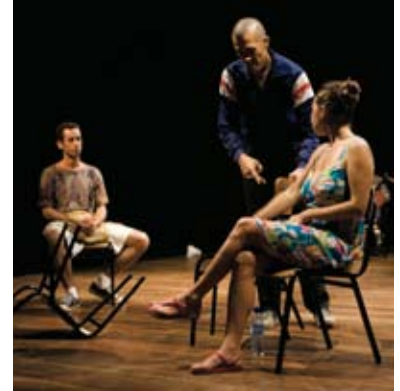
nos CD's editados pela Verve: *Moment To Moment*, *Hard Groove*, *Nothing Serious* e *Distractions*. Jones pode ser ouvido em vários CD's incluindo *Night Moves* (Concord) de Kurt Elling, nomeado para os Grammy e *Here* (MaxJazz) de Eric Reed. Trabalhou com Sonny Rollins, Ernestine Anderson, Bobby Hutcherson, Wynton Marsalis, Cedar Walton, Billy Childs, Eric Reed, Ryan Kisor, Eric Alexander, Bill Charlap, Michael Brecker, Herbie Hancock e, naturalmente, Hank Jones.

Em 2000, Willie Jones editou o primeiro CD *Vol 1... Straight Swingin'* da editora que fundou, a WJ3 Records. Continuou demonstrando a sua competência como compositor e produtor nos álbuns seguintes *Vol II... Don't Knock The Swing* (2002) e *Volume III*. Em 2007, ainda na sua editora, produziu e lançou *WE 2* um disco em duo de trombone e piano com Wycliffe Gordon e Eric Reed. Abreviado de www.williejones3.com

Nada. Vamos ver.

De Gustavo Ciríaco
No âmbito do Festival
Temps d'Images

Dança / Performance Qua 18, Qui 19 Nov
Palco do Grande Auditório · 21h30
Duração: 1h00 · M12



Algumas histórias. A do público. A do *performer*. Um ponto de encontro: a sala de espectáculo. Um espaço de expectativa, de convivência, de evasão. Um espaço de códigos compartilhados. *Nada. Vamos ver* começou com uma questão: como tornar visível aquilo que está presente e constitui a situação de um espectáculo de dança em um teatro. Como explicitar o óbvio, o já acordado, porém já esquecido na relação público-*performer*?

Em um desenho chamado *Nada. Ello dirá*. (*Nada. Vocês verão.*), onde um cadáver escreve a palavra “Nada” em uma pedra, o pintor espanhol Goya faz uma alusão à expectativa diante da morte, da evasão do mundo material e da ausência de divino, de um nada ao qual todos estaríamos destinados. Um mundo sem Deus. Sem além.

De modo estranhamente similar, o lugar físico do teatro está associado a

uma série de expectativas que produzem um certo além, um certo transpor de realidade, de evasão mesmo, onde há a criação de dois tempos, dois campos aparentemente separados, na claridade da cena e na escuridão da plateia.

Gustavo Ciríaco

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

Conselho de Administração

Presidente

António Maldonado

Gonella

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

Pietra Fraga

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção e Montagem

António Sequeira Lopes

Produção

Paula Tavares dos Santos

Montagem

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Actividades Comerciais

Catarina Carmona

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Direção Técnica

Eugénio Sena

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direcção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

chefe de áudio

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo

chefe

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

José Luís Pereira

chefe

Alcino Ferreira

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Recepção

Teresa Figueiredo

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Colecção de Arte

da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 - Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt - www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
